

O Pardal vai se extinguir no Brasil?

Mesmo sem ser originário de nosso país, o Pardal se tornou uma das aves mais conhecidas pelos brasileiros. Introduzido em território nacional há mais de 100 anos, hoje pode ser encontrado em qualquer de nossas cidades ou aglomerados urbanos. Mas a expansão e a modernização, principalmente das cidades maiores, têm reduzido a oferta das cavidades que a espécie usa para nidificar, causando o declínio crescente de sua presença

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

O Pardal está entre os elementos mais característicos da avifauna urbana brasileira. É tão característico que passa a impressão de estar dentro das cidades “desde sempre”, mesmo tendo chegado ao Brasil há pouco mais de um século. E, apesar de a avifauna variar em cada aglomeração urbana brasileira sob influência de diferentes fatores, conforme abordado em ensaios anteriores (veja na Cães & Cia 369, por exemplo), o Pardal é uma das poucas espécies com presença nas cidades em geral.

De além-mar

Originário do Velho Mundo, esse é o pássaro mais amplamente distribuído no planeta. Suas populações naturais ocorrem na Europa, no Oriente Médio e no norte da África. A partir do começo do século XIX, novas áreas foram sendo ocupadas pela espécie ao ser introduzida em outras regiões, intencionalmente ou não. Hoje o Pardal é encontrado em todos os continentes, com exceção apenas da Antártida (recentemente foi registrado também no Japão).

Habitante assíduo dos assentamentos humanos, característica que vem de tempos imemoriais, o Pardal tem mencionada a sua vocação para se instalar na proximidade dos lares humanos até no nome científico: *Passer domesticus* (o gênero *Passer* é formado por mais 24 espécies distribuídas pela Europa, Ásia e África).

No Brasil, ele foi introduzido intencionalmente em 1906, com a importação de

200 exemplares de Portugal para a cidade do Rio de Janeiro, sob o pretexto de ajudar no combate a insetos transmissores de doenças. Sua dispersão para os diversos centros urbanos brasileiros se deu de maneira lenta e gradual, certamente com a complementação de novas importações.

Difícilmente encontramos hoje alguma cidade brasileira onde o Pardal ainda não tenha sido registrado. Na década de 1990, até no Oiapoque, no extremo norte do Brasil, foram registrados Pardais, completando assim a colonização de todo o País, iniciada pela região sul antes da década de 1960. Por motivos ainda não muito claros, no Bra-

sil a espécie nunca ocupou e nunca colonizou qualquer formação nativa.

Adaptação urbana

A capacidade para aproveitar grande quantidade de itens alimentares e a extrema tolerância do Pardal a ambientes alterados, como pastagens e cidades, desde que ofereçam cavidades onde possa nidificar, contribuíram para que encontrasse nas áreas urbanizadas, mesmo naquelas menores, como as fazendas, locais ideais para a sobrevivência.

Tanto as casas baixas com telhados e beirais cujas cavidades são muito aproveita-



Pardal: pássaro mais presente no planeta, em especial onde há aglomerações humanas



Ninho: as mais diversas cavidades são aproveitadas

das pelos Pardais na construção de ninhos, quanto a ampla e abundante presença de lixo orgânico, rico em restos de alimentos dos quais essa ave se alimenta, proporcionaram condições ideais nas cidades para que os Pardais se proliferassem rapidamente. O fato de não competirem com as aves nativas por locais de nidificação nem por alimento nas cidades (ao contrário do que



Fêmea alimenta filhote: nela não há babador negro

se acredita até hoje), contribuiu também para a rápida expansão, tornando os Pardais conhecidos como a ave que melhor caracteriza a avifauna urbana e como uma ave dos ambientes com aglomerações humanas por excelência.

Hierarquia bem definida

Na Natureza, os Pardais vivem em bandos ruidosos e se alimentam tanto de grãos quanto de insetos e de outros invertebrados. Habitam áreas abertas e também as bordas de florestas, exibindo comportamento social bastante complexo.

O macho dominante – só há um por bando – tem, como sinal de sua posição na hierarquia, o “babador” com a cor negra mais extensa que o dos demais machos do grupo, cujas extensões de negro no pescoço nunca alcançam o desenvolvimento que se vê no dominante. As fêmeas e os filhotes não possuem a região da garganta negra e são ligeiramente menores, de modo que não é difícil identificar o sexo dos Pardais.

Estudos realizados mostram que a hierarquia acontece até mesmo onde esses pássaros se reúnem para passar a noite. Nessas ocasiões, o macho dominante permanece no centro da copa da árvore, onde está mais protegido de predadores, enquanto os demais membros, menos privilegiados na escala social, ocupam gradativamente a partir do centro da copa até a periferia, essa última destinada aos exemplares mais desprotegidos e vulneráveis a ataques noturnos.

Reprodução

Em cavidades já existentes, sejam naturais, sejam feitas por outros animais ou presentes em objetos e construções humanas, as fêmeas podem colocar até dez ovos, mas a média é de quatro ou cinco. A incubação dura cerca de 14 dias e os filhotes abandonam o ninho entre duas e três semanas depois de nascidos.

Declínio

Embora o Pardal seja a típica ave urbana brasileira, o declínio de sua presença vem sendo notado especialmente em grandes cidades. É possível elencar facilmente alguns fatores para explicar o que vem acontecendo.

O primeiro deles, e o mais claro, é a verticalização crescente. Casas baixas, com seus telhados e beirais, estão sendo rapidamente substituídas por prédios altos demais para os Pardais alcançarem o topo. Além



Babador preto: só os machos têm e é maior no dominante do bando (foto de cima)

disso, os antigos semáforos, outro tradicional local de nidificação, têm sido substituídos por novos modelos que não possuem a entrada lateral onde os Pardais colocavam seus ovos. A redução na oferta de locais para nidificar resulta em menos filhotes, fato seguido por envelhecimento rápido da população e sua diminuição.

Além disso, a redução da oferta de alimentos, pela ausência cada vez maior de terrenos baldios, ricos em sementes e insetos, aliada a uma coleta de lixo cada vez mais eficiente, também contribuem para o declínio gradual da população de Pardais. A espécie vai ficando, assim, confinada aos bairros que ainda possuem casas baixas.

Esse fenômeno tem sido notado também em outras cidades do mundo, indicando que, embora não compita com as aves nativas, o Pardal, pelo menos nas grandes cidades, corre risco de desaparecer. 🐣

Luís Fábio Silveira é doutor em Zoologia e curador das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de doze livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.